

UM ESTUDO DO LIVRO “GUIA TEÓRICO DO ALFABETIZADOR”.

Vanderlete Ferreira de Vasconcelos Rezende (G – UEMS)
Maria Silvia Rosa Santana (UEMS)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar um estudo do livro **Guia Teórico do Alfabetizador**, de Miriam Lemle, que está voltado para a formação do professor alfabetizador. Nesse livro, são focalizados alguns conhecimentos básicos sobre a língua, estes que são fundamentais para o trabalho nas classes de alfabetização, já que é necessário que o professor dessa área seja um conhecedor lingüístico e seja consciente da maneira mais adequada de alfabetizar. Além disso, a autora tece críticas sobre os preconceitos com a linguagem popular que acabam por dificultar ainda mais o processo de alfabetização. Para melhor compreensão das idéias apresentadas pela autora, buscou-se referencial em Cagliari e Magda Soares, visando clarear as opções teóricas trazidas no referido livro.

Palavras-chave: Alfabetização; Língua; Alfabetizador.

Abstract: The present article has as objective to undertake a study of the book **Guide of Theoretical Alphabetize**, Miriam Lemle, which is dedicated to the training of alphabetize teacher. In this book, are focused some basic knowledge about the language, which are basic to the work in the literacy classes, for it is necessary that the teacher of that area is an insider language and be aware of the most appropriate way to alphabetize. Furthermore, the author has made criticism of the prejudices with the vernacular that ultimately make it more difficult the process of literacy. For better understanding of the ideas presented by the author, trying to reference in Cagliari and Magda Soares, aiming to lighten the theoretical options brought in that book.

Key words: Literacy; Language; Alphabetize.

1 Introdução

Hoje, mais do que nunca, a alfabetização é um tema que gera muitos estudos e reflexões na tentativa de se encontrar a maneira mais plausível de se alfabetizar. Para tanto, estudiosos e pesquisadores falam dos métodos que podem auxiliar o professor para que haja um bom desenvolvimento no processo de alfabetização de seus alunos. Mas aí acontecem experiências desastrosas, não se sabe se é por causa do método adotado, ou devido ao despreparo dos profissionais, inseguros sobre a função de ensinar.

Sabe-se que a etapa de alfabetização é decisiva no processo de desenvolvimento escolar do educando. Em decorrência disso, a tarefa de alfabetizar não é fácil, requer que o profissional dessa área seja um bom conhecedor da língua e, simultaneamente capaz de enfrentar todos os tipos de problemas lingüísticos.

A idéia de realizar esse estudo surgiu quando eu cursava o magistério, aquela época me chamava a atenção a quantidade de crianças que não conseguiam concluir a primeira série, hoje segundo ano do ensino fundamental. Esse contato se tornou mais freqüente, devido aos estágios que precisava fazer oportunidades em que, onde me deparei com essa realidade com

uma incidência assustadora. Isso, alavancou ainda mais a intenção de realizar estudos dessa natureza.

À princípio, não acreditava que o fracasso escolar e os índices alarmantes de repetência e evasão escolar fossem somente deficiência da criança, acreditava sim que pudesse ser alguma deficiência na formação do professor. Naquele momento, não conseguia encontrar respostas para elucidar as minhas dúvidas. Como hoje tenho a oportunidade para tal, resolvi, portanto, estudar criticamente como deve ser a formação do professor alfabetizador.

Dessa forma, o estudo do conteúdo do livro “Guia Teórico do Alfabetizador” tem por objetivo ampliar minha visão em relação ao processo de alfabetização, para que venha a ser um suporte teórico capaz de contribuir na minha formação enquanto futura educadora alfabetizadora que pretendo ser.

2 O Livro e Sua Autora

O livro “Guia Teórico do alfabetizador”, Miriam Lemle (2001) vem denotar, de uma maneira simples e objetiva, vários conhecimentos básicos sobre a língua, estes que são fundamentais para o trabalho nas classes de alfabetização, tendo em vista que, por exemplo, as diferentes formas de pronunciar as palavras afetam a aprendizagem da língua escrita. O estudo da língua é muito mais que a forma como pronunciar as palavras.

O “Guia teórico do alfabetizador” tem como propósito apresentar a professores de classes de alfabetização os fundamentos de que eles necessitam para compreender os fatos da língua com que lidam no seu dia-a-dia.

O exemplar analisado pertence à 15ª edição, publicada no ano 2001 pela Série Princípios e foi editada por meio da editora Ática, em São Paulo. O livro é dividido basicamente em sete partes em que são tratados temas relacionados à alfabetização.

Inicialmente, o capítulo um faz uma introdução ao tema; no capítulo dois trata das capacidades necessárias para se realizar a alfabetização. Posteriormente, no capítulo três, trata especificamente do tema alfabetização, demonstrando algumas etapas que permeiam esse momento na vida do educando. No capítulo quatro, demonstra um grande impasse, o qual se apresenta de diversos modos preconceituosos, que se relaciona à variação entre língua falada e língua escrita. O quinto capítulo é semelhante a uma conclusão às proposições apresentadas anteriormente pela autora, onde ela reflete as questões da alfabetização em detrimento do preconceito lingüístico existente em nossa sociedade. O sexto capítulo apresenta um vocabulário crítico, e o sétimo capítulo é uma bibliografia comentada.

A autora Miriam Lemle, grande contribuidora para os estudos em educação no Brasil, possui um vasto currículo:

A autora Miriam Lemle (2001), possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1959), mestrado em Lingüística pela University of Pennsylvania, USA (1965) e doutorado em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980). Fez pós-doutorado no MIT, USA (1985) e é Livre Docente pela UFRJ (1987). Atualmente é professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Laboratório CLIPSEN - Computações Lingüísticas: Psicolingüística e Neurofisiologia. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Gramática Gerativa, atuando como professora, orientadora e pesquisadora principalmente nos temas de teoria e análise lingüística, aquisição de linguagem, morfologia distribuída, semântica, e neurolingüística. (Currículo lattes. Disponível no site CNPq).

2.1 As Capacidades Necessárias Para a Alfabetização

Neste capítulo, Lemle (2001) faz referência aos saberes e concepções que podem ajudar o educando a chegar ao processo de alfabetização. Para tanto, ela determina cinco momentos em que a intervenção do professor é de fundamental importância, pois são marcadores do desenvolvimento das impressões perceptivas de leitura e escrita da criança.

O **primeiro momento** determinado pela autora, questiona o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página em branco. Segundo Lemle (2001), para que uma pessoa possa aprender a ler e a escrever, ela precisa primeiramente entender que a fala pode ser simbolizada até mesmo por alguns risquinhos pretos em uma página em branco.

Assim sendo, para que a fala seja relacionada a tais rabiscos, torna-se necessário compreender que “[...] a idéia de símbolo é bastante complicada. Uma coisa é símbolo de outra sem que nenhuma característica sua seja semelhante a qualquer característica da coisa simbolizada” (LEMLE, 2001, p. 7).

Os risquinhos “[...] são símbolos de sons da fala” (LEMLE, 2001, p. 7), e por mais simples que pareça a sua compreensão para aqueles que já são alfabetizados, os mesmos não são tão simples quanto parecem para aqueles que ainda não estão familiarizados com eles.

No **segundo momento**, a autora observa que as letras para quem ainda não se alfabetizou são risquinhos pretos na página branca. Logo:

[...] O aprendiz precisa ser capaz de entender que cada um daqueles risquinhos vale como símbolo de um som da fala. Assim sendo, o aprendiz deve poder discriminar as formas das letras. As letras do nosso alfabeto têm formas bastante semelhantes, e por isso a capacidade de distingui-las exige refinamento na percepção. (LEMLE, 2001, p. 8)

A autora revela que o aluno deve ter a capacidade de notar as diferenças entre as mais variadas letras e que cada símbolo corresponde ao som da fala. Afinal, essas representações apresentam grande semelhança em sua forma. “São sutis as diferenças que determinam a distinção entre as letras do alfabeto.” (LEMLE, 2001, p. 9).

Complementando essa idéia, Cagliari (2003, p. 90) explica que “[...] A língua portuguesa é a soma desses sistemas todos, por serem eles muito semelhantes entre si”. Nesse caso o autor faz referência aos diversos sistemas fonológicos em relação aos diversos dialetos existentes. Denota-se, dessa maneira, que realmente o sistema de escrita, inicialmente, apresenta complicações que podem se tornar empecilhos tremendos que dificultam a aprendizagem do aluno.

No **terceiro momento**, que ela considera como problema, acontece a conscientização da percepção auditiva. Aqui, “[...] é preciso saber ouvir diferenças lingüisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som”. (LEMLE, 2001, p. 9)

Além das dificuldades apresentadas no segundo momento com as distinções entre símbolos, agora se descobre que os mesmos possuem sons distintos que em diversas oportunidades eles podem se confundir, e que sua distinção é essencial no momento da opção que se faz ao relacionar letra/som ou grafema/fonema.

No **quarto momento**, apresenta-se a dificuldade em captar o conceito de palavra.

O importante, na idéia da unidade palavra, é que ela é o cerne da relação simbólica essencial contida numa mensagem lingüística: a relação entre conceitos e seqüências de sons da fala. [...] a escrita contém, na verdade, esses dois níveis de representação simbólica: a representação de conceitos através de sons e a representação de sons através das letras. (LEMLE, 2001, p. 11-12)

Surge aqui um grande impasse no que se refere à palavra estudada. Segundo a autora, uns imaginam que no processo de alfabetização devam ser usadas palavras de uso diário e constante da criança, para que assim ela possa ter ampla facilidade de compreensão do processo, entretanto, outros defendem a idéia de que devem ser usadas palavras diferentes das usuais pois assim o aluno terá a oportunidade de aprender palavras novas. Sobre isso a autora assim se posiciona sobre essa questão: “[...] É certo que a escrita representa o sentido, mas indiretamente, intermediada pela representação dada pelas letras aos sons da fala”. (LEMLE, 2001, p. 12).

No **quinto momento**, o problema para o alfabetizando é reconhecer as sentenças e ter a compreensão espacial da página em nosso sistema de escrita. Segundo a autora

[...] essa necessidade não precisa ser colocada logo de início, pois o aprendiz pode aprender a tomar consciência dessa unidade no decorrer de suas primeiras leituras. [...] a idéia de que a ordem significativa das letras é da esquerda para a direita na linha, e que a ordem significativa das linhas é de cima para baixo na página. Note que isso precisa ser ensinado, pois dessa compreensão decorre uma maneira muito particular de efetuar os movimentos dos olhos na leitura. (LEMLE, 2001, p.12)

Após apresentar esses cinco momentos da alfabetização, Lemle (2001) apresenta algumas idéias de atividades que podem ser desenvolvidas a partir das representações sugeridas.

É interessante a maneira como são apresentadas as atividades sugeridas pela autora. São atividades desenvolvidas há muito tempo, podemos até chamá-las “antigas”, e são desenvolvidas a fim de alavancar o processo de alfabetização, as quais, na concepção de diversos teóricos podem ser consideradas tradicionais.

Exercícios de desenhos de pequenas formas: círculos, traços, cruces, quadrados, ângulos, curvas, espirais, composições com várias unidades de formas diversas. Na escola, antigamente, as crianças preenchiam páginas e mais páginas com linhas verticais enfileiradas, linhas inclinadas, circulozinhos, arquinhos e exercícios e mais exercícios de traçados, antes de começar a alfabetização. Sem chegar ao exagero, parece-me que há lugar para um certo retorno a essa disciplina, pois hoje é muito comum ver pessoas segurando mal o lápis, colocando torto o papel sobre a mesa, sentando-se errado para escrever, começando o traçado das letras de modo arrevesado. Cultivar a boa técnica na escrita é um valor que merece voltar à moda. (LEMLE, 2001, p. 14).

É importante reconhecer que atividades como essas trarão algum benefício à criança no quesito aprendizagem, entretanto, é preciso voltar-se para questões mais concretas, afinal, o início da alfabetização requer ensinamentos que vão além da leitura e da escrita, mas englobam posturas elementares e complementares.

2.2 A Alfabetização

A alfabetização é compreendida de maneiras diferenciadas por vários autores, isto é, na concepção de muitos teóricos a palavra alfabetização tem significado diferenciado. Cada um expõe de forma clara e objetiva a sua definição.

Segundo Soares (2004), atualmente vem se tentando atribuir significado muito amplo à alfabetização, sendo considerada como um processo contínuo, que não competiria somente na aprendizagem da leitura e da escrita.

[...] etimologicamente, o termo *alfabetização* não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar. (SOARES, 2004, p. 15).

Para Soares (2004), o termo alfabetização significa nada mais do que conhecer o alfabeto, ou melhor, ensinar as habilidades de ler e escrever. Já outras atribuições muito abrangentes do termo, negariam sua função, sendo até mesmo desnecessárias.

Com base nessas colocações da autora, a alfabetização é conceituada como:

[...] um conjunto de habilidades, o que caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. [...] explicam por que o processo de alfabetização tem sido estudado por diferentes profissionais, que privilegiam ora estas ora aquelas habilidades, segundo a área de conhecimento a que pertencem. Resulta daí uma visão fragmentária do processo e, muitas vezes, uma aparente incoerência entre as análises e interpretações propostas. (SOARES, 2004, p.18)

Sendo considerada como um conjunto de habilidades, a alfabetização é estudada por várias áreas do conhecimento, e em muitas ocasiões confunde-se com letramento por conta de algumas definições. Entretanto, estudos cada vez mais aprofundados sobre o assunto procurando compreender melhor esse processo, acabam contribuindo para surgir interpretações um pouco distorcidas de sua atribuição.

Ao exercício efetivo e competente da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2004, p. 91-92)

Assim, o diferencial entre alfabetização e letramento é seu uso social. A alfabetização empreende a capacidade de aprender a ler e escrever, ao passo que o letramento consiste em fazer uso social da leitura e escrita. Dessa forma, é possível que se tenha alfabetizados iletrados e analfabetos letrados.

Já Barbosa (1994), coloca que na atualidade o processo de alfabetização é entendido como um ensino que deve ser passado para várias crianças ao mesmo tempo visando noções da leitura e da escrita e explica que:

O processo de alfabetização, tal como foi concebido, exige certas condições prévias que possibilitam à criança identificar elementos não significantes na escrita,

estabelecer correspondências termo a termo, considerar uma ordem prefixada etc. Tal como foi concebida, a alfabetização torna necessário um certo estágio de desenvolvimento das operações intelectuais. Todas as tentativas de ensino de alfabetização, sem que estas condições estejam realizadas na criança, redundam em fracasso (quer sejam condições perceptivas, quer sejam condições conceituais). (BARBOSA, 1994, p. 72)

Conforme Lemle (2001), o alfabetizando considera a união das letras como um casamento entre elas. Alguns desses casamentos se adaptam ao sistema de monogamia, ou seja, uniões em que os indivíduos possuem um único par. Entretanto, outros tipos de uniões são denominados poligamia, ou seja, uniões em que os indivíduos possuem mais de um parceiro, não encontrando uniões estáveis.

Baseando-se nesses parâmetros, Lemle (2001) explica que o alfabetizador poderá trabalhar com pelo menos quatro etapas do ensino da língua escrita. São elas:

A teoria do casamento monogâmico entre sons e letras: nesta etapa considera-se que o grande progresso na aprendizagem do aluno é quando ele compreende que na escrita cada letra corresponde a um som, processo esse denominado monogâmico e que pode ser considerado o mais simples na alfabetização. No entanto, ela afirma que:

[...] não podemos nos agarrar com rigidez ao intuito de manter o alfabetizando resguardado por algum tempo das complicações da escrita. As palavras vão jorrar de todos os lados, as crianças vão trazê-las, e não seria sensato exagerar o peneiramento dos dados. Se as letras indesejadas forçarem sua entrada, será preciso adiantar a explicação de que essas letras podem, às vezes, ter outros sons, quando colocadas em outras posições. (LEMLE, 2001, p. 27)

Isso implica que não necessariamente o educando precisa se manter afastado de outras escritas, que se apresentam para eles ainda complicadas; pois o mesmo está constantemente em contato com as mais variadas letras. Assim, o educador poderá partir do que a criança traz do seu cotidiano para aprofundar e estimular o seu desenvolvimento em relação à escrita.

Nesse sentido, a autora apresenta alguns passos que facilitarão o trabalho de alfabetização. Inicialmente, deixar o aluno explorar as hipóteses de que cada letra possui um único som, mas que esse tipo de atitude dure um curto espaço de tempo. Num segundo momento, o alfabetizador deveria deixar entrar as letras menos virtuosas e assim sucessivamente. “Cabe ao professor decidir por quanto tempo convém trabalhar sob a redoma da hipótese da monogamia”. (LEMLE, 2001, p. 27)

A teoria da poligamia com restrições de posição: consiste em compreender que a emissão da letra depende da posição que ela ocupa na palavra “[...] para cada som numa dada posição, há uma dada letra; a cada letra numa dada posição corresponde um dado som” (LEMLE, 2001, p. 29).

A partir do momento em que o aprendiz consegue estabelecer o uso correto da letra, ele estará avançando no processo de construção de conhecimento de leitura e escrita. Para tanto, a autora sugere propor para os educandos, atividades de pesquisa que fortalecerão a descoberta pela alfabetização.

“Trabalhando dessa maneira, o alfabetizador ajudará seu aluno a perceber que a hipótese da monogamia é inviável”, explica Lemle (2001, p. 29). Na verdade, são muitas as letras que apresentam sons e posições diferentes cabendo maior interpretação para a hipótese do que a autora chama de poligamia.

As partes arbitrárias do sistema: segundo a autora essa é a etapa mais difícil, e pode durar toda a vida, afinal, “[...] ninguém escapa de um momento de insegurança sobre a ortografia correta de uma palavra rara”. (LEMLE, 2001, p. 31)

Para facilitar a representação dessas letras que apresentam dificuldade em sua significação, é necessário que o alfabetizador possa sempre esclarecer as dúvidas de seus alunos em relação à ortografia correta; estimular o uso do dicionário, conduzir o aluno a entender o contexto em que essas letras são utilizadas, etc.

Nessa arbitrariedade apresentada pela formação de determinadas palavras e a total falta denexo entre algumas delas, muitas dúvidas dos alunos vão surgir, questionando significados, como por exemplo, o motivo pelo qual a palavra cinco e sino possuem escritas diferentes se aparentemente o som representado é o mesmo.

Para isso, a autora sugere que se busque a origem latina das palavras e que se conte a história do surgimento e formação da língua portuguesa. “Se bem dadas, tais explicações poderão, até, despertar certo brio pela historicidade da língua e da comunidade que a usa”, esclarece Lemle (2001, p. 33).

A autora ainda salienta que o professor não deve dar importância aos erros advindos desse problema. Segundo Lemle (2001, 34), “[...] gradativamente, com a prática da leitura e da escrita, tais erros diminuirão. A preocupação com a ortografia não deve crescer a ponto de inibir a expressão escrita da criança”.

De fato, a cabeça do alfabetizando nesta fase deve estar cheias de dúvidas e, portanto, muitas são as palavras que possuem dificuldade para compreensão da criança. Se, além disso, o professor ainda levar em consideração, constantemente, os erros ortográficos, eles se tornarão um empecilho para a criança, de modo que outras dificuldades surgirão a partir desta.

Varição dialetal e arbitrariedades nas reações entre sons e letras: O Brasil, sendo tão rico em extensão territorial, não poderia deixar de apresentar também uma rica quantidade de dialetos e variações lingüísticas.

Lemle (2001) chama a atenção de professores para que não cometam erros bárbaros com seus alunos no sentido de não considerar e levar em conta as diversas regiões do país com sua diversidade lingüística e seus diversos dialetos.

É uma falha profissional um professor compartilhar desses preconceitos e dar mostras de assumir essa maneira de valorizar e desvalorizar as características da fala das pessoas. Um professor que demonstra desprezo por características da fala de seus alunos ou que os desvaloriza por isso ainda não adquiriu os componentes de personalidade próprios da profissão do professor. Faz parte da competência profissional de um professor a atitude respeitosa para com a maneira de falar da comunidade em que exerce seu trabalho. (LEMLE, 2001, p. 35).

Por essas palavras da autora, percebe-se que apesar de existir uma norma dita padrão, o professor deve levar em conta as variações lingüísticas apresentadas por seus alunos para que sua atitude de ensinar não soe preconceituosa.

É importante salientar que a autora considera essencial que o alfabetizador tenha conhecimento sobre morfologia, para poder explicar a origem das palavras e o porque de certos vocábulos que aparentemente não têm explicação para a utilização de algumas letras. Um professor que chegue a ser alfabetizador, necessariamente consente a necessidade de um profissional preparado e consciente de seu trabalho.

Nesta etapa vale a pena ressaltar a importância de se estudar tanto os sufixos, quanto os prefixos das palavras, para que haja maior conhecimento da grafia correta. Conforme Lemle (2001, p. 38) afirma “[...] É importante que o professor tenha alguma informação sistemática sobre a estrutura morfológica das palavras em português e, também, um mínimo de conhecimentos sobre a história da língua”.

De fato, muitas dúvidas serão apresentadas pelos alunos sobre a origem de algumas palavras. Se o professor não tiver um mínimo sequer de conhecimento sobre a estrutura das palavras seus alunos continuarão com dúvidas pendentes.

A metodologia – considerações críticas: A autora faz um esboço dos métodos de alfabetização que possuem relação com as etapas de desenvolvimento do processo de aquisição de conhecimentos. Dessa forma, apresenta o método sintético e o método analítico. A autora explica que esses são dois caminhos diferentes para se chegar à alfabetização.

Há, basicamente, dois métodos possíveis oficialmente reconhecidos para conduzir o trabalho da alfabetização: mostrar primeiro as letras e ensinar suas correspondências com sons e depois ensinar a compor com elas as sílabas e as palavras; ou mostrar primeiro palavras – ou frases – e ensinar a identificar nelas as unidades componentes – as letras – e os sons que lhes correspondem. O primeiro caminho recebe o nome de método sintético, pois a tarefa consiste em sistematizar seqüências, dados os átomos componentes. O antigo método de recitação do bê-á-bá encaixa-se nesse tipo. O segundo caminho recebe o nome de método analítico, já que parte das seqüências completas, sendo a tarefa de analisá-las e identificar os átomos. (LEMLE, 2001, p. 42-43)

Cagliari (2007) faz um amplo enfoque de como é visto o método na escola, tendo um significado muito relevante no processo de alfabetização, entretanto é preciso destacar que os métodos não são tudo. Eles é que devem ser manipulados servindo de apoio para o professor alfabetizador.

[...] Os métodos não são uma coisa irrelevante na escola. Pelo contrário, na escola e na vida, os métodos são fundamentais porque eles conduzem a resultados esperados ou não. Eles trazem o sucesso ou trazem o fracasso. Porém, os métodos não são tudo. (CAGLIARI, 2007, p.52)

Como se nota, com freqüência a escola deixa as ações docentes de lado para dar mais valor aos métodos. Antes eram os métodos das cartilhas que foram se aprofundando e se tornaram livros didáticos. “Esses métodos de alfabetização do século XX originaram-se de experiências pessoais que viraram livros didáticos”, explica Cagliari (2007, p. 58).

A partir do século XX, a alfabetização passou a ser uma necessidade na vida das pessoas. Com isso foram divulgados métodos mais rígidos, de experiências bem sucedidas de seus autores, mas no início começaram a dar relevância apenas ao método, deixando de lado o papel do professor, isso foi um equívoco, provando que o método por si só não alfabetiza ninguém, explica Cagliari (2007).

Colocou-se tanta competência nos métodos, de forma que a eles cabia a responsabilidade de tornar o indivíduo alfabetizado. “Essa situação confusa e destrutiva começou quando tiraram a competência do professor”. (CAGLIARI, 2007, p. 59)

Finalmente, Lemle (2001) faz considerações sobre a importância de se trabalhar a variação na língua falada pelos alunos, não aderindo somente na unidade da língua escrita para que assim, o professor não incorra em injustiças ao obrigar seu aluno a esvaziar-se dos conceitos que naturalmente assumiu em seu seio familiar, para agora aprender a norma dita padrão.

3 Considerações Finais

Após a análise do conteúdo do livro, podemos observar que o professor voltado para a alfabetização precisa ser conhecedor da língua, e simultaneamente de sua estrutura. Assim, ele compreenderá que a língua falada, conforme cada região do país se distancia bastante da língua escrita que segue um padrão. Porém, nem por isso, o aluno que pronuncia a palavra diferente da norma culta deve ser deixado de lado e rotulado como aquele que apresenta insuficiência na sua aprendizagem lingüística.

Objetivávamos realizar um estudo sobre o livro “Guia Teórico do Alfabetizador” de Miriam Lemle, buscando respostas para indagações antigas em relação ao processo educativo. Afinal, o aluno não aprende por conta de deficiências pessoais, ou os professores não são formados com potencial coerente visando a formação integral do aluno?

Impressionada, descobri que na maioria das vezes o problema que leva os alunos a repetência e evasão escolar, não está neles, nem em sua condição social, mas nos próprios professores que não compreendem esta condição social e acabam por esvaziar estas crianças de seu saber naturalmente constituído para preenchê-las com as condições da classe dominante.

O estudo do livro apresentou-se muito prazeroso, por me deparar com obras de literatura simples e direta que tratavam dos temas com organização e objetividade. Na verdade, minhas dúvidas me aguçaram ainda mais a vontade de aprofundamento, de forma que este estudo foi apenas uma fagulha de curiosidade em meus anseios e questionamentos.

No livro ficou evidente, a existência de recursos dos quais o alfabetizador pode se valer para facilitar a execução de seu trabalho, além de deixar claro que o processo da alfabetização possui várias etapas importantes que auxiliarão o alfabetizando na sua aprendizagem.

Para análise das questões apresentadas por Lemle (2001), nos embasamos principalmente em Soares e Cagliari, dentre outros autores para compreender e apreciar os quesitos discutidos pela autora.

Conclui-se que esse livro trata-se de um suporte teórico, que vem contribuir com o crescimento do profissional das classes de alfabetização. Outrossim, auxiliá-lo(s) na busca de um alfabetizar mais eficaz para os alfabetizandos.

Referências

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2. ed. São Paulo: Corte, 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. Alfabetização – o duelo dos métodos. In: SILVA, Ezequiel Teodoro (org.) **Alfabetizando no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

LEMLE, Miriam. **Currículo lattes**. Disponível em: <<http://www.lattes.cnpq.br/434018257121122-149k>>. Acesso em: 13 ago 2008. 8:45.

_____. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão. **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Alfabetização e Letramento.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.